



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/editor: Rodolphe Gasché	Cód.:
TÍTULO: Europe, or the Infinite Task	Data da ficha:
Editora: Stanford University Press	Agosto 2018
Ano: 2008	
ISBN: 978-0804760614	
Páginas: 431	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Para Edmund Husserl, o Nazismo devia ser entendido como sintoma de uma doença que estava a afetar a Europa. Só uma reviravolta total podia travar o seu declínio. Se a Europa se torna tão proeminente no pensamento de Husserl, e se este coloca em evidência o seu passado grego e a noção de uma ciência racional universal, é porque para o pensador a Europa está intimamente associada à ideia e à promessa da razão. “Europa”, no seu pensamento, não se refere apenas a uma entidade geográfica, histórica, cultural e política. Enquanto fenómeno que tem a sua origem na Grécia, a Europa está desde o início ligada à ideia de filosofia. Não devemos entender a filosofia como um fenómeno finitamente europeu mas como um projeto de vida a que damos o nome de “Europa” mas que diz respeito a toda a humanidade. Logo, o destino da Europa afeta os seres humanos no geral. Dada a importância da questão da Europa, não é de estranhar que pela mesma altura que Husserl começou a escrever *A Crise das Ciências Europeias*, Martin Heidegger e Jan Patocka também produziram trabalho sobre o tema. Foram estes estudos que tornaram a questão da Europa, que poderia ser vista como passageira ou incidental, num tópico central para a filosofia, vindo mais tarde a ser retomado, por exemplo, por Jacques Derrida.

Este projeto parece, à primeira vista, tresandar a Eurocentrismo. No entanto, o que está em questão é a filosofia e os seus tópicos centrais, o universalismo, a racionalidade, a responsabilidade e o mundo, algo, portanto, que transcende a Europa. Porquê dedicar um livro inteiro a esta questão? Visto que estamos no presente a discutir a melhor forma de integrar a Europa, há que investigar que conceção de

Europa devemos defender. Não será o caso que a “Europa”, como os Gregos a imaginaram, é precisamente aquilo que está a desaparecer à medida que o consenso económico e político na Europa se vai consolidando?

A abrangência e o significado da Europa não se deixam limitar por conceitos intrinsecamente europeus, como os de “conceito” e “ideia”. A Europa não é algo que conhecemos bem; pelo contrário, ela confronta-nos com um enigma. E se Europa fosse um fenómeno específico não por ter uma identidade fixa mas por ter de constantemente pensar-se a si própria a todo e qualquer momento?

Quanto à objeção de que o seu passado colonialista e imperialista tornam o projeto de pensar a Europa algo ofensivo e anacrónico, podemos contrapor-lhe outro argumento histórico: apesar de terem sido usadas para justificar a opressão de outros povos, foram as mesmas ideias (de racionalidade e universalismo) que permitiram à Europa questionar as suas tradições e os crimes cometidos em seu nome. Quer achemos que este projeto de autocrítica não foi suficientemente longe ou foi longe de mais, a verdade é que é uma abordagem única e especificamente europeia. A necessidade de se relacionar consigo próprio de forma negativa e a resultante abertura para com o outro são constitutivos da “identidade” europeia.

Enquanto topónimo, o nome Europa apresenta já uma data de características de relevo para um entendimento filosófico do tema. Apesar de, desde o século VII A.C., o nome Europa ter sido usado para designar a zona central da Grécia, segundo Aristóteles, os Gregos não se consideravam Europeus. Viam-se antes como “gente do intermeio”, a região entre a Europa e a Ásia. Neste âmbito, Europa não se refere a um sítio específico mas a uma direção: aponta para uma massa obscura de terra a ocidente. Europa é supostamente uma palavra de origem semítica, cuja raiz “ereb” quer dizer pôr-do-sol ou escuridão; refere-se à terra que, ao final do dia, aparecia disforme ao longe. Não só é de salientar que a Europa só passa a designar um lugar específico muito mais tarde – no século IX D.C., reportando-se ao império ocidental fundado depois da dissolução da parte ocidental do império romano – mas também devemos ter em conta que não foi a Europa que inventou esse nome para si própria. Pediu-o emprestado aos Gregos (que não se consideravam Europeus) que por sua vez o receberam da Ásia Menor. Por outras palavras, ao referir-se a si própria usando o nome que o Outro lhe deu, a Europa pensa a si mesma através do Outro.

O mito de Europa, filha de um rei fenício que teria sido raptada por Zeus e levada para Creta (em direção ao ocidente mas sem nunca pôr os pés em território europeu), vai no mesmo sentido: arrastada da sua terra de origem para um território desconhecido, Europa é sinónimo de deslocação e estranhamento. Não é exatamente um nome próprio mas uma direção. Não significada “nada” a não ser esta separação face à origem e a abertura para o mundo. Este mito também sugere que a Europa adquire forma própria ao separar-se de si mesma e demarcar-se da Ásia (o seu Outro), ideia que permanece connosco no presente.

Jean-Luc Nancy liga o nome Europa ao epíteto de Zeus, “Zeus euruopè”, aquele que vê mais além, visionário. Gasché diz-nos que é mais provável que haja uma ligação com o correspondente feminino do epíteto, usado para descrever a mulher que Zeus raptou: “europè” era usado para descrever mulheres

com olhos grandes, com um olhar deslumbrante. Nancy está acima de tudo interessado nesta ideia de Europa enquanto terra de gente que “vê mais além”, para lá de si própria, investigando, numa primeira instância, o mundo e depois o universo.

Gasché realça também o estudo de Rémi Brague, que coloca a tônica na romanidade ou latinidade da Europa, dizendo-nos a identidade europeia é excêntrica, visto que aquilo que lhe é mais próprio não é verdadeiramente seu.

O nome da Europa não nos incita a desvalorizar a noção de identidade per se, mas sim a noção de identidade natural. A identidade permanece enquanto demanda. Mesmo assim implica uma ideia de figuração, isto é, de forma e fronteira. Não se trata, no entanto, de uma identidade que se manifesta enquanto barreira à passagem do outro. Pelo contrário, enquanto figura (demarcação), a Europa é uma “não-figura”. Assim, os limites da Europa devem ser entendidos como já tendo sido atravessados logo à partida, um horizonte que, quando emerge, já aparece perfurado.

Se a Europa tem uma essência, no entender de Jean-Luc Nancy, é a de ser eternamente “recém-nascida”, improvidente, incompleta e imprevisível. Não podemos exigir muito a quem acaba de nascer. Gasché explica que este exigente recém-nascido é a própria filosofia.

1.2. Palavras-chave:

Razão; Filosofia; Universalismo; Identidade; Fronteira

Grupo Transculturalidades

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do livro: Gasché, Rodolphe. *Europe, or the Infinite Task*. Palo Alto: Stanford UP, 2008.